

## **Tendências atuais da literatura infantil brasileira**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Zaira TURCHI (UFG)

### **Resumo:**

*A literatura infantil, no cenário atual, manifesta-se em obras que promovem o cruzamento de várias linguagens, vários gêneros textuais, vários códigos. Essa multiplicidade de dimensões artísticas presentes na obra literária para crianças, se por um lado representa a sua especificidade estética e a qualifica, por outro, muitas vezes, tem resultado em produtos com alta qualidade editorial e gráfica, nos quais o texto verbal é negligenciado. Na era do virtual e da imagem é no apelo visual que o mercado editorial aposta. O presente texto pretende refletir sobre as tendências contemporâneas da literatura infantil brasileira, num confronto com as décadas de 70/80 do século XX, período em que o gênero que se consolidou e expandiu em várias tendências.*

**Palavras-chave:** literatura infantil brasileira, gênero literário, história e crítica.

### **Introdução**

O que mudou na literatura infantil e juvenil dos anos 1970/1980 até hoje? Que tendências se consolidaram? Quais caíram por terra, desapareceram, ou ficaram esquecidas? Quais estão sendo revitalizadas na contemporaneidade? Historicamente, quase 40 anos pode não ser tempo suficiente para diagnosticar e precisar as transformações desse período, mas é possível demarcar as trajetórias e numa perspectiva da crítica literária estabelecer as tendências da literatura infantil e juvenil produzida no Brasil.

Essas questões das quais tenho me ocupado ao desenvolver pesquisas no campo da literatura infantil e juvenil, adquiriram nova dimensão quando trabalhei, em 2007 e 2008, na atualização de acervos para o Programa de Incentivo à Leitura da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, o Cantinho de Leitura. Para a seleção das obras a serem adquiridas pelas escolas estaduais para a primeira fase do ensino fundamental, o edital previa que as editoras enviassem as obras infantis publicadas a partir de 2002, compreendendo os diversos gêneros literários. Foram enviados mais de 5000 títulos, dos quais foram selecionados cerca de 1200. Não pretendo responder às questões formuladas inicialmente, muito menos esgotá-las, mas apenas apresentar algumas reflexões provocadas pela leitura do farto material bibliográfico enviado pelas editoras.

Nesse sentido, até mesmo as denominações de literatura infanto-juvenil, literatura infantil, literatura juvenil acabam por apresentar controvérsias e dificuldades de conceituação teórica. Se em algumas obras é possível demarcar com nitidez os territórios do infantil e do juvenil pelas características da obra, em outras há um espaço de intersecção que faz desaparecer as linhas fronteiriças e englobar a obra num ambíguo infanto-juvenil, denominação também legitimada pela crítica, pela história e pela teoria. Esses conceitos, literatura infantil e criança, são pensados aqui não como abstrações, mas como construtos históricos, o que significa que as configurações do gênero estão inseridas numa estética que contempla a produção e o leitor inseridos num contexto histórico, social, cultural.

Sem aprofundar nesta questão, esclareço que optei pelo infantil no título, uma vez que as obras analisadas comporiam acervos para a primeira fase do ensino fundamental, de 1º ao 5º anos, considerando o ingresso aos 6 anos nas escolas públicas em Goiás. Feitos esses esclarecimentos

iniciais, passo a uma discussão mais de história da literatura, tentando perceber as tendências atuais da literatura infantil.

## **Percursos e perspectivas da literatura infantil brasileira**

Numa perspectiva de uma trajetória da literatura para crianças e jovens no Brasil, até a década de 70, fora a obra original, consistente e ainda atual de Monteiro Lobato, não se pode falar de literatura infantil e juvenil brasileira como sistema de obras e conjunto de autores com uma produção estética regular destinada a crianças e jovens. A precariedade do gênero manifestava-se principalmente no descontínuo da qualidade estética dos textos, e na construção literária condicionada a um horizonte de dominação entre autor-texto-leitor. Monteiro Lobato, portanto, promove a renovação do gênero e estabelece as bases de um projeto estético para a literatura destinada a crianças e jovens no Brasil. Daí também a grande influência de Lobato na literatura infanto-juvenil brasileira.

A partir dos anos 70, a literatura infantil e juvenil inaugura um período extremamente fértil no Brasil. As obras podem ser agrupadas em tendências temático-estilísticas, construindo uma história do gênero que reflete o momento histórico social brasileiro e a situação do leitor por meio de um projeto estético ousado e criativo. Aparecem nomes que ainda hoje continuam a publicar, com sucesso, obras para crianças e jovens, entre eles: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, João Carlos Marinho entre outros, reatando as pontas com a tradição lobatiana por novas vias que contemplam a crítica social, o humor, o suspense, a aventura da linguagem.

A renovação da literatura infantil brasileira, que ocorre especialmente nos anos de 1970, na trilha de Lobato, vai se consolidando, nas décadas seguintes, com um projeto estético que valoriza o diálogo entre texto, ilustração e aspectos gráficos, num processo de co-autoria. As narrativas se caracterizam pela presença do humor e da irreverência, da aventura, do suspense e da temática do cotidiano. Há um aprofundamento estético no texto literário, seja na construção da voz narrativa que procura estabelecer pontes entre a perspectiva do adulto e a da criança; manifesta-se também nas obras um apelo à imaginação e um incentivo à construção de um leitor crítico. A poesia infantil também se insere neste cenário, ganhando, depois de Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Sidônio Muralha; Vinícius de Moraes, dimensões significativas, com o aparecimento de vários poetas e obras, seja na forma do poema, da prosa poética, ou da narrativa em versos, muitas vezes em ritmos populares como o cordel.

No capítulo “Industrial cultural e renovação literária”, do livro *Literatura infantil brasileira: história e histórias*, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984) apresentam os escritores e as tendências atuais, considerando como atual a década de 1980, e a expansão da literatura infantil após os anos 60 e 70. As tendências apresentadas pelas autoras incluem: 1) a crítica da sociedade brasileira principalmente através da miséria e do sofrimento infantil, numa representação realista do contexto social – o *Justino, o retirante* (1970), de Odette Barros Mott, *Pivete* (1977), de Henry Correia de Araújo, *O menino e o pinto do menino* (1975), de Wander Piroli, *O dia de ver meu pai* (1977), de Vivina de Assis Viana, características literárias presentes em toda a Coleção do Pinto, lançada em 1975. 2) A imagem exemplar da criança obediente e passiva é suplantada pela criança capaz de rebeldia, de ruptura com a normatização do mundo dos adultos na busca da liberdade de expressão e pensamento. Essa é uma forte tendência dos anos 70/80 especialmente com as histórias de Ruth Rocha e Ana Maria Machado. 3) A valorização da criatividade e da capacidade infantil de inventar, imaginar novas realidades, deslocar as verdades cristalizadas ou estereotipadas (*Marcelo, marmelo, martelo*, Ruth Rocha, *O menino maluquinho*, Ziraldo e tantos outros.) A ruptura da normatividade, o incentivo a criatividade, a liberdade e a autonomia de pensamento representaram a expressão estética mais significativa da literatura infantil à época. A normatividade adulta é

suplantada por uma outra lógica, que estabelece uma nova ordem social, regulada pela desconstrução, pela utopia, pela liberdade de ação e pela inventividade. Dessa forma o narrador adulto coloca-se na pele da criança, tentando reduzir a distância entre o narrado e a experiência vivida pelas personagens e pelos leitores. 3) Outra tendência presente nos anos 70/80 é a proliferação de alguns gêneros e temas, como a ficção científica e a narrativa de suspense, basta lembrar as obras de Stella Carr e João Carlos Marinho. 4) A valorização dos aspectos gráficos já aparece como uma tendência em destaque nos anos 70/80. 5) Delineia-se, também, nesse período, o auto-referenciamento do discurso literário no livro infantil, com procedimentos narrativos de metalinguagem e intertextualidade.

Essa breve retomada dos anos 70/80, tem como objetivo balizar a reflexão sobre a produção mais contemporânea, publicada nessa primeira década do século XXI.

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Com novas configurações, essa tendência parece sobreviver aos anos e continuar mobilizando criativamente os escritores. Com isso também, se podemos dizer que há os protótipos criativos, com uma estética inovadora, há também os estereótipos que apenas multiplicam os títulos nos catálogos editoriais, mas nada acrescentam no contexto da literatura infantil.

As narrativas apresentam também temas voltados para as relações interpessoais, para os enfrentamentos e descobertas da criança, além de um gosto pela memória, pelo passado, especialmente pelas memórias nostálgicas dos adultos sobre a infância, sobre o núcleo familiar. Por outro lado, se as relações interpessoais e os enfrentamentos das crianças e jovens no cotidiano continuam a ser tematizados pelas obras, desaparece, ou fica fora do foco de luz principal, a narrativa pautada na rebeldia infantil, ou na transgressão das crianças da norma adulta imposta como autoridade constituída. Parece um veio já bastante explorado e com sucesso que se esgotou. As obras têm procurado estabelecer uma ponte de diálogo entre a voz do adulto e a voz da criança, tornando mais maleável a condição de normatividade que não se fixa nem num pólo nem no outro, mas no diálogo e na compreensão mútuas. Nesse sentido, o caminho narrativo que se manifesta mais intensamente é o da simbolização, da valorização poética como caminhos para a humanização das relações interpessoais.

As obras de cunho realista, a crítica da sociedade brasileira principalmente através da miséria e do sofrimento infantil, numa representação realista do contexto social, essa tendência desaparece na atualidade, ou pelo menos, não se manifesta como um conjunto de obras e autores, como ocorreu na década de 1970 e 1980 com as obras de Odett Barros Mott ou os livros da Coleção do Pinto. Basta observar o livro *Um garoto chamado Rorberto*, de Gabriel o pensador, vencedor do Jabuti, em 2006, no qual se o ambiente é de pobreza e dificuldades, o que prevalece é alegria e a esperança na superação da situação social de exclusão, muito diferente da dicção literária dos livros da Coleção do Pinto.

Exemplifico essas transformações históricas do gênero em três obras que tratam do tema da separação de pais, ou da perda da mãe que é substituída pela madrasta: *O dia de ver meu pai* (1977), de Vivina de Assis Viana, *A coleção de bruxas de meu pai* (1995), de Rosa Amanda Strausz, e *O jogo de amarelinha*, de Graziela Bozano, que recebeu o prêmio de O melhor para criança, da FNLIJ, em 2007.

Em *O dia de ver meu pai*, a personagem expressa ao longo de toda a narrativa, o sentimento de tristeza, de abandono, de incompreensão. O texto é muito realista, duro nas imagens, como no trecho: “O problema é que, às vezes, as pessoas mentem. Mesmo as que a gente tem certeza de que gostam da gente. Minha mãe, por exemplo. Ela mente para mim” (VIANA, 1977, p. 7). A personagem chora muito, fica em silêncio, “olha as grades das janelas dos apartamentos”, e a narrativa conclui-se de modo pessimista e sem saída, “Quem, no mundo, seria capaz de completar, para mim, as frases incompletas de meu pai e de minha mãe?” (p.33).

Em a *Coleção de bruxas de meu pai* o conflito de aceitar a separação dos pais é também o tema gerador, mas as soluções narrativas são pela via do humor, aliado à capacidade de inventar, de criar novas circunstâncias. O mesmo ocorre em *Mamãe trouxe um lobo para casa*, também de Rosa Amanda Strausz. As divertidas histórias que intertextualizam o conto de fadas mergulham no universo das relações familiares contemporâneas, com novos padrões de comportamento, e possibilitam alternativas positivas para o cotidiano das personagens, numa trama em que as emoções explodem no riso.

Em *O jogo de amarelinha*, de 2007, o enredo desenvolve-se em torno de um tema análogo – a morte da mãe e a aceitação da madrasta. A tristeza da perda da mãe está presente na narrativa, a saudade, a não aceitação da morte da mãe e, menos ainda, da presença da madrasta. Poeticamente, por meio do conhecido jogo de amarelinha, a possibilidade de diálogo entre a menina e a madrasta vai sendo construída. Trata-se de um texto altamente imagético e metafórico, como é próprio da poesia:

A menina caminha dura ao lado da madrasta, a mão pendendo frouxa do seu braço. Caminham mudas, nada têm a dizer. De repente, um açude. No virar da curva, antes da memória, o olhar de Letícia encontra seu espelho verde, sereno. E Clara volta, está lá, não está em céu nenhum, sua risada ecoa no açude e o peito de Letícia lateja de dor. (HETZEL, 2007, p.11)

A narrativa se desenrola neste processo de expurgo e simbolização da dor da perda da mãe e na atenção e presença da madrasta na tentativa do diálogo e da aceitação. No final, há uma saída, há manifestação de alegria renovada e prazer diante da vida. A grande marca do texto é a presença da linguagem poética nesse processo de simbolização.

A forte presença de imagens poéticas na narrativa, aliada aos processos de simbolização, constitui uma expressão artística recorrente na contemporaneidade, amplamente valorizada pela crítica. Como o livro *O jogo de amarelinha*, outras obras, também premiadas, se inserem na perspectiva da fusão da poesia e do jogo na construção da narrativa. *João por um fio* (2005), de Roger Mello, mesmo o mais recente, *Zubair e os labirinto* (2007). Ou ainda *Lampião e Lancelote* (2006), de Fernando Vilela. Entre outros.

No caminho aberto por Ziraldo, a tendência mais forte da literatura infantil na atualidade manifesta-se no cruzamento de várias linguagens, vários códigos, vários gêneros textuais. Exemplifico com duas obras: *Felpo Filva*, de Eva Furnari, publicada em 2006, e *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves, publicado em 2007.

Todos que acompanhamos a produção de Eva Furnari, não podemos nos esquecer da *Bruxinha Atrapalhada* e das outras bruxinhas, do humor dos desenhos e dos textos. Com *Felpo Filva*, a autora demonstra total domínio da narrativa, dos recursos estilísticos dos vários gêneros textuais, dos gêneros do discurso, numa história de superação de bloqueios, medos, e da busca da alegria e do amor. O texto originalíssimo faz uma paródia dos hipertextos, desconstruindo o estabelecido e promovendo uma ressignificação de paradigmas num novo contexto. Até mesmo o glossário ao final que poderia ter uma função didática, marcado pela normatividade da regra é desconstruído no livro de Eva Furnari, transformando-se em narrativa também.

Outra obra que manifesta a presença de várias linguagens, vários gêneros textuais, mistura dos gêneros literários, numa ilustração maravilhosa é *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves. O texto narrativo vem amalgamado a poemas, cartas, receitas, glossário entre outros gêneros discursivos. Espaço verdadeiramente plural, sem falar numa desconstrução das funções habituais dos espaços e da função dos discursos – parede de casa que serve para escrever poemas, cartas que não esperam respostas, som que vira percurso, versos que abrem caminhos, o lugar do texto, dos hipertextos, das ilustrados se sobrepõem, se misturam e o diálogo juntando todos esses elementos num todo coerente. Os poemas para adultos, alguns de poetas clássicos, passam a ocupar um novo espaço, o espaço do livro infantil, e passam a falar para um outro interlocutor, nas pontes criadas pela narrativa da Dona Sofia, pelo universo infantil de quem aprende a escrever, a caligrafia. Toda essa multiplicidade de linguagens presente na obra e o diálogo que estabelece com o leitor, desestabiliza a tentativa de conceituar a literatura infantil.

É interessante observar que os dois exemplos apresentados são de autores cuja formação e trajetória na literatura infantil se deu pela via da ilustração. Eva Furnari e André Neves destacam-se, inicialmente, no cenário da literatura infantil, como ilustradores, assumindo, posteriormente, o lugar de escritores.

Por outro lado, a aposta do mercado editorial num projeto gráfico e numa ilustração de qualidade transforma esse produto cultural que é a literatura infantil, dá a ela novas configurações e novas dimensões. Para finalizar, exemplifico com o livro *O mistério da terceira meia*, de Rosana Rios. O livro foi publicado, ainda na década de 1990, pela editora moderna, com ilustrações de Getúlio Delpim. Em 2006, a mesma obra é publicada pela DCL, com ilustrações de Salmo Dansa. A narrativa é muito interessante se desenvolve a partir de cartas e de partes de um diário. Vale-se do recurso do suspense para tratar de temas do cotidiano familiar. Faço menção ao livro, apenas, para dizer que a ilustração de Salmo Dansa e o projeto gráfico, na edição atual, transforma o livro numa outra obra artística, muito mais interessante para o leitor.

## **Conclusão**

Essa multiplicidade de dimensões artísticas presentes na obra literária para crianças, se por um lado representa a sua especificidade estética e a qualifica, por outro, muitas vezes, tem resultado em produtos com alta qualidade editorial e gráfica, nos quais o texto verbal é muitas vezes negligenciado. Sobre este aspecto, quero apenas destacar que na leitura das obras para a atualização do acervo dos Cantinhos de Leitura, no Programa de Incentivo à Leitura da Secretaria de Educação do Estado Goiás pude perceber um número muito grande de obras voltadas para a África, os mitos e as culturas africanas. O tema parece possuir um forte apelo de mercado. No entanto, em grande parte das obras publicadas, o que se percebe é que a uma ilustração e um projeto gráfico de muita qualidade contrapõe-se uma narrativa ruim. A perda da cena performática, que traz a inscrição da voz no texto escrito, torna as narrativas enfadonhas, artificiais, distantes de sua marca primordial da oralidade. Na era do virtual e da imagem é no apelo visual que o mercado editorial aposta. Nem por isso, contudo, a literatura infantil, pode esquecer a sua natureza literária. As várias linguagens na obra infantil devem promover um diálogo em plena igualdade de qualidade estética.

## **Referências Bibliográficas**

FURNARI, Eva. *Felpo Filva*. São Paulo: Moderna, 2006.

HETZEL, Graziela Bozano. *O jogo de amarelinha*. Ilustrado por Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Manatti, 2007.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

NEVES, André. *A caligrafia de Dona Sofia*. São Paulo: Paulinas, 2007.

STRAUSZ, Rosa Amanda. *A coleção de bruxas de meu pai*. Ilustrado por Fernando Nunes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

VIANA, Vivina de Assis. *O dia de ver meu pai*. Ilustrado por Álvaro Apocalypse. 3.ed. Belo Horizonte: Comunicação, 1977.

## **Autor**

**<sup>1</sup>Maria Zaira TURCHI, Profa. Dra.**  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Faculdade de Letras  
zaira@letras.ufg.br